

## FEIRA GANDARESA

Em pleno dia de encerramento das comemorações dos 50 anos do 25 de abril, somos contemplados com uma feira gandaresa que, no dizer de um articulista do jornal *Boa Nova*, “é uma explosão sincera da alma, da índole do nosso povo”, nela se entrecruzando as aspirações mais profundas, como a da liberdade, com o quotidiano feito de alegrias e dores, de momentos solitários e de ocasiões comunitárias, que nós vemos em cada canto da nossa Gândara. Saboreemos com a saudade, como diz o autor do artigo, “o pitoresco folclore das nossas velhas feiras... os vastos largos no coração da vila, pejados do trabalho, do suor, do sangue, da alma do povo de quase todo o centro de Portugal. Era a burguesia, era o clero, era o povo que se cruzavam livremente por essas ruas e largos.”<sup>1</sup>

“Dias grandes, com o gado a mugir e a levantar a espessa poeira dos largos; as moças em ranchos; o sol de chapa nas barracas, nas reses, nas pessoas; a sede a apertar e o vinho fresco ao fundo das tabernas”, acrescenta Carlos de Oliveira, no seu livro *Casa na Duna*.<sup>2</sup>

Como muito bem diz Elisabete Miranda, na sua dissertação de mestrado, “na Gândara existiam bastantes Feiras em todos os concelhos. (...) A justificação que mais sentido fazia para se realizar uma feira era baseada na dificuldade que existia de mobilidade das pessoas e dos produtos e por consequência dos deficientes circuitos de comercialização. Neste sentido a feira era o elo de ligação entre a vida sedentária dos agricultores, comércio estabelecido pouco diversificado e a vida nómada dos feirantes.

Para a população da Gândara a feira era a oportunidade de fazer negócio, ia-se à feira para comprar e vender o gado, para vender os legumes e tubérculos excedentes da produção para fazer algum dinheiro extra, para se comprar as ferramentas agrícolas necessárias, para comprar os utensílios de cozinha, o pouco que se tinha era comprado ou vendido conforme as necessidades na feira. Os homens iam à feira para vender e comprar o gado e utensílios agrícolas, enquanto as tarefas de vender os ovos, as galinhas, as batatas, o milho, as rasas de feijão, ficava para as mulheres. A feira também era a oportunidade para se encontrar outras pessoas, para se ver os rapazes e raparigas da aldeia, para se mostrar a roupa melhor que se vestia para ir à feira. A feira era vista quase como uma festa”.<sup>3</sup>

Façamos nós também deste dia uma festa, pois não há liberdade sem povo, nem povo sem liberdade, pelo menos em teoria... Compete-nos a nós tornar este “pregão” em realidade!

Luís Alves

---

<sup>1</sup> Publicação comemorativa dos 75 anos do jornal *Boa Nova*, dirigida pela professora Maria de Lurdes Boavida, p. 151.

<sup>2</sup> Citado em Vital Moreira, *Paisagem Povoada: a Gândara na obra de Carlos de Oliveira*, Ed. Câmara de Cantanhede 2003, pp. 48 e 49.

<sup>3</sup> Elisabete Miranda Carlos, *Terras da Gândara O quotidiano das gentes e a Cozinha Gandaresa As memórias dos saberes e dos Sabores* - Dissertação de Mestrado em Alimentação – Fontes, Cultura e Sociedade, orientada pelo Doutor Norberto Santos, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015, p. 63







